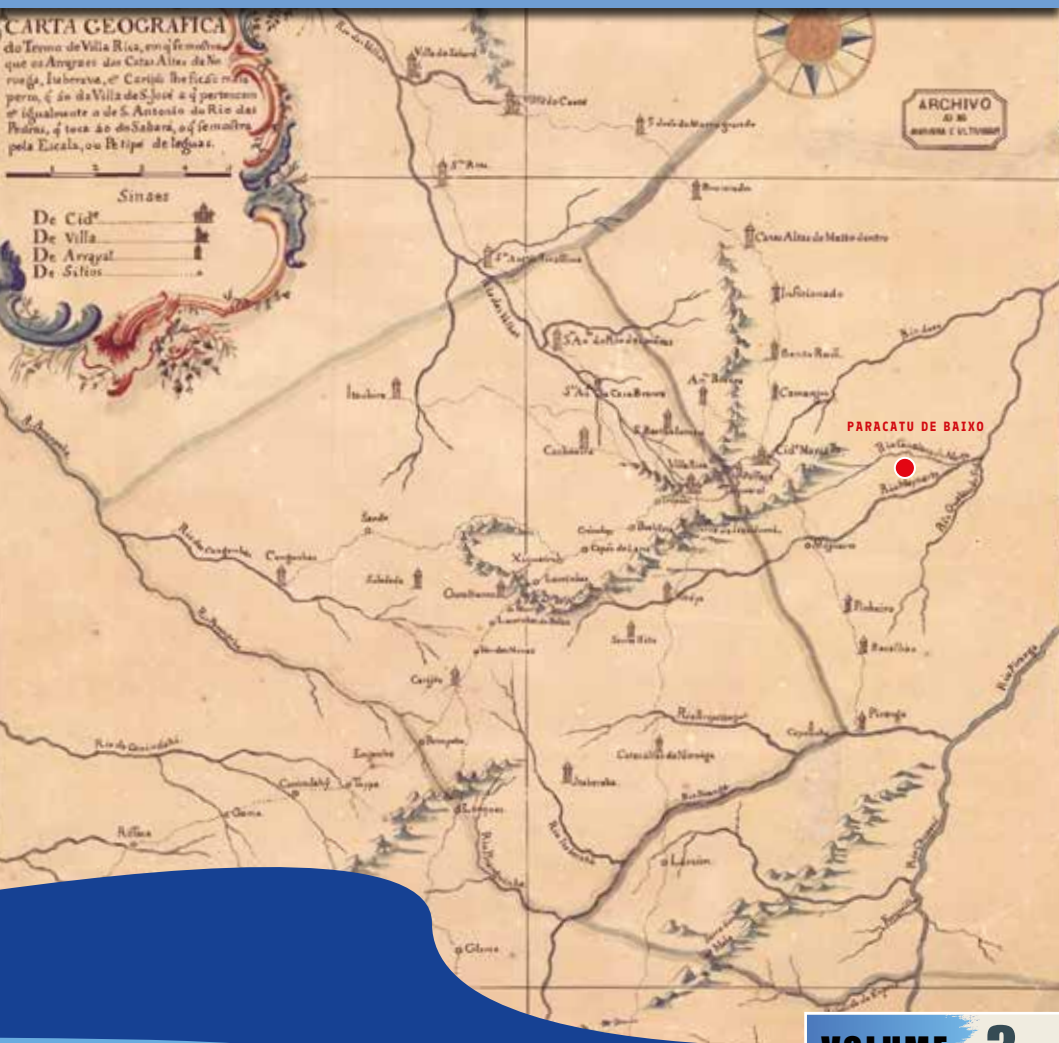




CAMINHOS DE PARACATU DE BAIXO

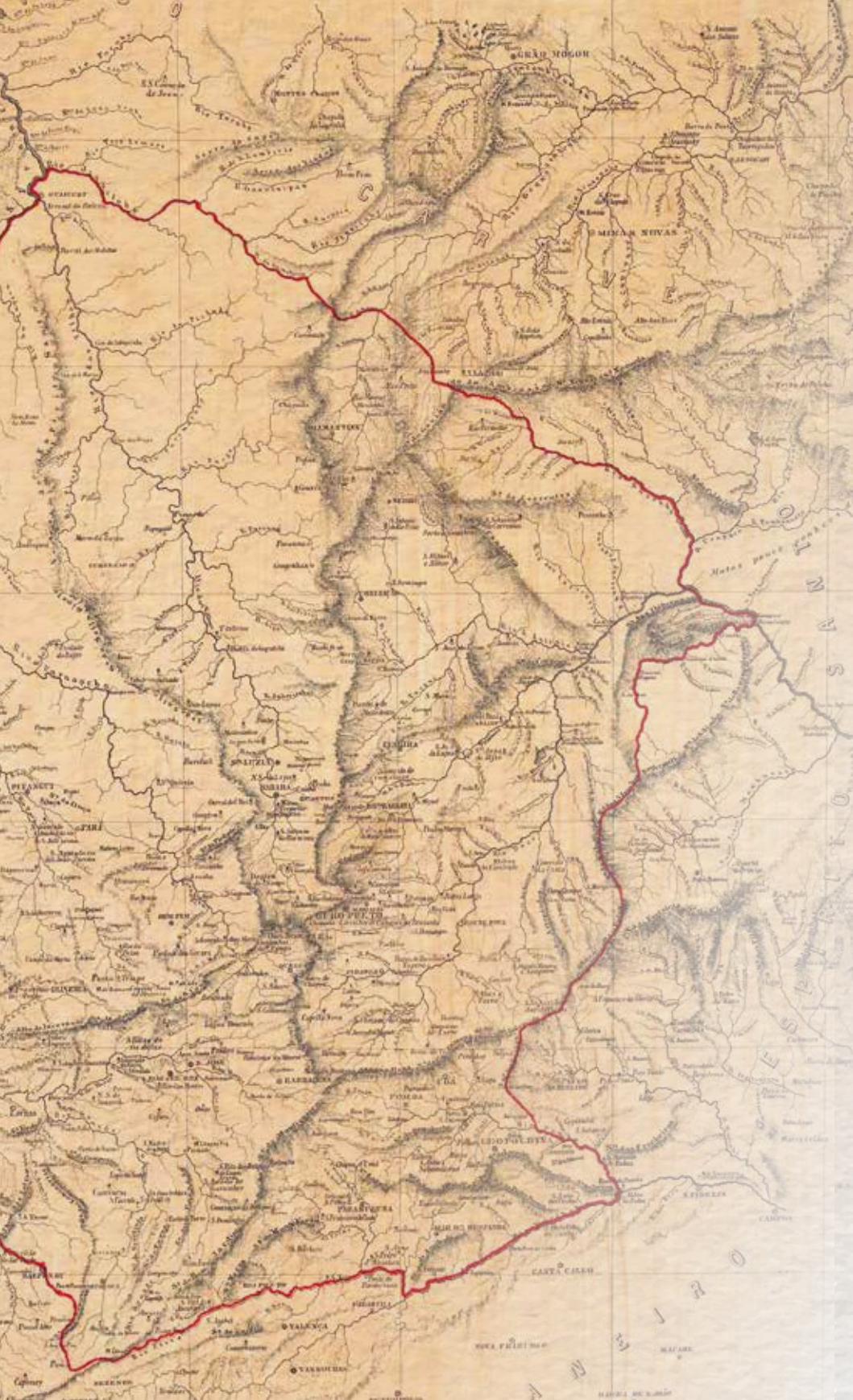


VOLUME 3



CAMINHOS DE PARACATU DE BAIXO

BELO HORIZONTE - 2023



INTRODUÇÃO

Os Percursos de Patrimônio constituem uma iniciativa educativa, lúdica e recreativa, que explora os sentidos e a percepção da paisagem, e visa a despertar um novo olhar sobre o patrimônio cultural das localidades onde o público-alvo está inserido. Por meio da experiência de uma caminhada guiada, essa ação também visa a promover a difusão das referências culturais dessas localidades, o fomento ao turismo comunitário e sustentável por meio de roteiros estratégicos e visitas guiadas a espaços e equipamentos culturais, configurando-se como possibilidade de estruturação significativa dos processos de produção do conhecimento sobre os territórios percorridos.

A ação-piloto do projeto Percursos de Patrimônio contou com a realização de quatro trajetos, englobando os municípios de Barra Longa e Mariana: Barra Longa-Sede; Barra Longa-Zona Rural; Caminhos de Paracatu de Baixo; e Conexão Bento Rodrigues. Por meio das cartilhas dos Percursos de Patrimônio, convidamos você a explorar as riquezas do patrimônio cultural desses territórios!



Os Percursos de Patrimônio integram o escopo de atividades de educação para o patrimônio cultural do Plano de Reparação das Referências Culturais das localidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, promovido pelo Programa de Preservação da Memória Histórica, Cultural e Artística - PG12, da Fundação Renova, em cooperação com a Unesco. A partir da metodologia da vivência no território e sob a perspectiva dos “Territórios Educativos”, os Percursos de Patrimônio visam a estimular o vínculo e o reconhecimento do público-alvo com seu território, seja por meio do acesso aos bens culturais ali produzidos, seja por meio de equipamentos culturais e/ou urbanos de cultura, seja por meio das narrativas construídas pelos diferentes grupos sociais.

Apresentamos aqui um desses percursos, intitulado “Caminhos de Paracatu”, que abrange não apenas o território de origem de Paracatu de Baixo, uma das localidades mais afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão, mas também os distritos de Furquim e Monsenhor Horta – cuja origem remonta ao início do Ciclo do Ouro mineiro, entre o final do século XVII e o início do XVIII.

Nesse sentido, o trajeto escolhido tem como objetivo estabelecer conexões entre as histórias e as relações desses distritos ao longo do tempo, abrangendo uma variedade de aspectos relacio-

APRESENTAÇÃO



*Vista Panorâmica de Paracatu de Baixo.
Foto: Marilêne Marinho, 2023.*

nados com o território do Município de Mariana como um todo. O interesse dos participantes em relação ao trajeto e as condições locais, como, por exemplo, o fluxo de veículos, levam a duas possibilidades para realizar o percurso: no sentido Furquim-Monsenhor Horta ou, inversamente, no sentido Monsenhor Horta- Furquim.

Na primeira possibilidade, parte-se do Largo da Matriz de Furquim, com uma breve explanação sobre a história da ocupação do território e da formação do distrito, incluindo a temática da ferrovia. Dali, o trajeto segue para o reassentamento de Paracatu, com uma parada próxima ao sítio arqueológico ali encontrado. O itinerário então segue para o antigo Paracatu de Baixo, onde os participantes percorrerão, a pé, um pequeno trecho ligando a Igreja de Santo Antônio e o Cemitério. Na sequência, o trajeto parte para a próxima parada, na Fazenda do Gualaxo, e, dali, rumo para o Distrito de Monsenhor Horta, onde o passeio termina no Largo da Matriz de São Caetano.

A segunda possibilidade é inverter a lógica do percurso, sem alterar as atividades propostas: partir do Largo da Matriz de São Caetano, em Monsenhor Horta, passar pela Fazenda do Gualaxo, pelo antigo Paracatu de Baixo, depois pelo reassentamento de Paracatu e terminar no Largo da Matriz de Furquim.

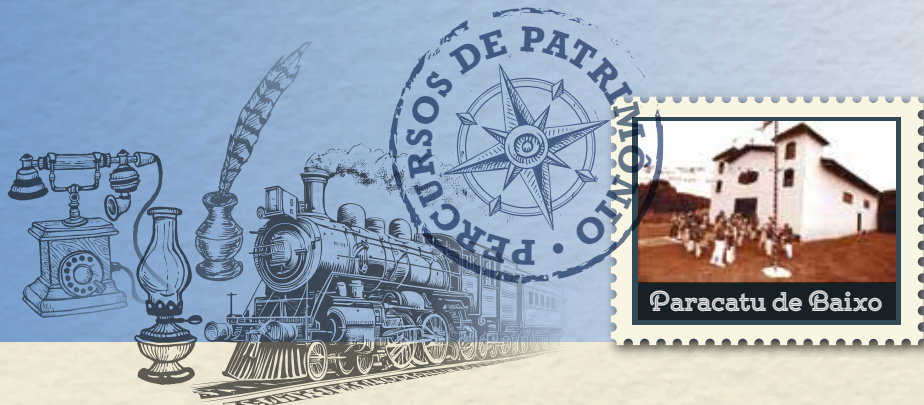
UMA BREVE HISTÓRIA DE FURQUIM, MONSENHOR HORTA E PARACATU DE BAIXO

A região onde hoje se encontram os distritos de Furquim e de Monsenhor Horta (antigo São Caetano) e o povoado de Paracatu de Baixo - subdistrito de Monsenhor Horta - é habitada há milhares de anos, como indicam os vários sítios arqueológicos e as pinturas rupestres ali encontradas. Antes da chegada dos europeus, diversos povos indígenas viviam nesse território, como os Botocudos, Puri, entre outros. Muitos desses povos foram escravizados ou fugiram da região durante o processo de colonização, especialmente após a descoberta das ricas jazidas auríferas no final do século XVII.

A notícia do ouro atraiu inúmeros aventureiros e gente de todo tipo, ávidos pela promessa de enriquecimento. Em pouco tempo, vários povoados despontaram na região, entre eles, Furquim e Monsenhor Horta, que nasceram praticamente na mesma época e no mesmo contexto, na virada para o século XVIII. Furquim, aliás, foi um dos arraiais mais ricos da primeira metade do século XVIII, sendo, inclusive, a segunda paróquia criada em Minas, já se encontrando consagrada em 1706. Seu nome deriva do fundador do povoado, o minerador Antônio Furquim da Luz.

De acordo com o *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*, em 1746 residiam em Furquim 19 dos homens mais ricos da capitania, sendo que 13 deles eram mineiros. Monsenhor Horta, antigo Arraial de São Caetano, também se destacou como importante centro minerador nessa época. A fundação desses novos povoados seguiu acompanhando os rios Gualaxo do Norte e do Carmo, verdadeiras artérias da colonização do território.

Desde o início da ocupação, além do ouro, esses arraiais também estavam muito ligados a agricultura, pequena criação, produção de gêneros de primeira necessidade e comércio, especialmente para abastecimento dos grandes centros auríferos da época, como Vila Rica (Ouro Preto) e Vila do Ribeirão do Carmo (Mariana). Diversas fazendas importantes despontam pela região nessa época, como as diferentes fazendas do



Gualaxo. Nas terras de uma dessas fazendas surgiu, anos mais tarde, o povoado de Teixeiras, que provavelmente deu origem a Paracatu de Baixo.

As Minas Gerais desse século de riquezas deram origem a uma sociedade dinâmica, sincrética e miscigenada, formada pelo intercâmbio entre elementos culturais europeus, africanos e indígenas, que moldaram novos costumes e tradições em solo mineiro, nos mais diferentes campos, como na religião, nas artes, na culinária, entre tantos outros.

No entanto, com o declínio da produção de ouro a partir da segunda metade desse mesmo século, fruto das precárias técnicas de exploração então empregadas, esses povoados, assim como os grandes centros mineradores, entraram em decadência. A vida se ruraliza, acompanhando a mudança da economia aurífera para a agropecuária, e a pujança do passado gradativamente dá lugar a um ar bucólico e interiorano no século XIX. Essa situação favoreceu a preservação dos aspectos coloniais dos antigos arraiais e a manutenção da identidade e de muitas das tradições dessas comunidades desde então.

No início do século XX, a chegada da Estrada de Ferro Central do Brasil traz um novo impulso à região, com a instalação de uma estação em Monsenhor Horta (1923) e outra em Furquim (1926), como parte da formação do Ramal de Ponte Nova. Esse ramal permaneceu ativo até 1996, quando foi desativado.

Em novembro de 2015, o rompimento da barragem de Fundão trouxe grandes impactos para a região, sobretudo para Paracatu de Baixo, cujo núcleo foi em grande parte destruído pelos rejeitos e cuja população foi evacuada. Furquim e Monsenhor Horta, apesar de não terem sido atingidos diretamente, foram afetados devido à relação mantida com as comunidades circunvizinhas. Atualmente, essas comunidades seguem na busca por um novo recomeço, pautando-se nas histórias e tradições que permanecem na memória coletiva de seus antigos e atuais moradores.

Igreja Matriz de Monsenhor Horta e sua festa



*Igreja Matriz de São Caetano - Monsenhor Horta.
Foto: Marilêne Marinho, 2022.*

É provável que uma antiga ermida dedicada a São Caetano tenha sido erigida ainda nos primeiros anos de ocupação do povoado, na virada dos séculos XVII para o XVIII. No entanto, a atual Igreja Matriz de São Caetano, começou a ser erigida em 1730, por iniciativa da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Parcialmente concluída em 1742, suas obras e os trabalhos de decoração se estenderam ao longo dos séculos XVIII e XIX. Seu interior é decorado com primoroso conjunto de talha, ao gosto joanino, representado pelos retábulos do altar-mor e laterais. Contrastando com a exuberância da talha, a pintura é



Fotos: Marilêne Marinho, 2011.

constituída por quatro painéis localizados nas paredes da capela-mor, atribuídos ao pintor D. Vicente José de Nicolta, que viveu durante muito tempo em Monsenhor Horta.

Palco das principais festividades e eventos no distrito, o Largo da Matriz tornou-se um importante espaço de convivência e interação da comunidade, especialmente durante as tradicionais celebrações religiosas, em especial a Festa do Padroeiro, sempre comemorada no dia 07 de agosto e que, principalmente quando a data coincide com finais de semana, atrai diversos visitantes para o distrito, em especial os monsenhor-hortenses ausentes.

Sociedade Musical São Caetano, de Monsenhor Horta



No destaque, placa em homenagem à Sociedade Musical São Caetano, de Monsenhor Horta.
Foto: Mateus Lustosa, 2023.

A Sociedade Musical São Caetano é considerada a quarta banda mais antiga do Brasil, tendo sido fundada em 7 de abril de 1836, pelos senhores Filomeno Ramos Vidal, Antônio Sabino, Padre Antônio Filomeno, Feliciano Ramos e Joaquim Madaleno. Em 1973, a Sociedade Musical foi reconhecida como de utilidade pública devido à grande importância que sempre teve para o distrito, em especial devido ao seu papel fundamental na promoção da cultura marianense e na formação musical da comunidade em que se encontra. Presença constante nas celebrações e festividades religiosas do distrito e das comunidades próximas, a Sociedade Musical São Caetano também oferece aulas de música para crianças, jovens e adultos de Monsenhor Horta. Em 2016, foi reconhecida como patrimônio imaterial de Mariana.

Desde sua fundação, a Sociedade Musical funcionou nas casas instaladas na Rua dos Mussuns e na Praça, ambas cedidas pelos senhores Ermelindo Oliveira Moraes e Júlio Bertoldo, respectivamente. Em 1949, o presidente, Sr. João Nepomu-



Sede da Sociedade Musical São Caetano de Monsenhor Horta. Foto: Marilène Marinho, 2023.

ceno, sem visar a lucros, doou parte de sua propriedade para construção de uma sede na Rua Santo Antônio, nº 40. Posteriormente, essa sede foi vendida e, por intermédio do padre Marcelo Moreira Santiago e do padre Carlos Alberto de Oliveira, a Diocese de Mariana doou um terreno ao lado da casa paroquial – Rua Benigno Ildefonso Corrêa, nº 35 –, onde, até hoje, está a sede da Sociedade Musical.

Em 1993, a comunidade encontrou partituras, fotos e cartas no sótão de outra casa, de propriedade da família Ramos, uma das fundadoras da banda de Monsenhor Horta. O acervo também estava bastante deteriorado e foi entregue ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) para que pudesse ser restaurado. Entre 2020 e 2021, esse imóvel foi restaurado pela Fundação Renova como parte das compensações pelos impactos acarretados pelo rompimento da barragem de Fundão. A Casa da Banda, como passou a ser conhecida, nasceu como um espaço para abrigar os materiais encontrados, reunindo parte da história do distrito e de sua relação com a música.

Estação Ferroviária de Monsenhor Horta



*Estação Ferroviária de Monsenhor Horta.
Foto: Marilêne Marinho, 2012.*

Inaugurada em 1923, com o nome de Dom Silvério, a estação teve seu nome alterado para o atual em 1939, quando o distrito também foi renomeado de São Caetano para Monsenhor Horta. Assim como citado no caso da Estação de Furquim, a instalação da ferrovia no distrito trouxe novas perspectivas para o antigo São Caetano, que passou a funcionar como polo exportador de produtos da região e importador de outras mercadorias, além do transporte de passageiros. A partir dos anos 1950, no entanto, fruto da política nacional de incentivo às estradas de rodagem, as ferrovias brasileiras gradativamente entraram em declínio, incluindo o Ramal de Ponte Nova, ao



Estação Ferroviária de Monsenhor Horta.
Foto: Mateus Lustosa, 2023.



qual a Estação de Monsenhor Horta pertencia. Assim, após longos anos de decadência e sucateamento, em 1996, o ramal foi desativado e a maioria de suas estações foi abandonada. “Após longos anos de abandono e ocupações irregulares, em 2022 a Estação de Monsenhor Horta começou a ser restaurada, contribuindo assim para preservação dessa importante memória do distrito.

Capela de Santo Antônio de Paracatu de Baixo e suas festas



*Festa de Santo Antônio em Paracatu de Baixo.
Foto: Acervo Fundação Renova, 2022.*

Em meados do século XIX, havia um pequeno povoado na região, conhecido como Teixeira, que possuía uma capela dedicada a São Francisco Xavier e que, provavelmente, é a origem de Paracatu de Baixo. Certamente, sua construção consolidou o núcleo urbano da comunidade e ao redor dela passaram a ser realizadas as celebrações e os eventos locais. Até o momento, porém, não foram encontradas mais informações a respeito, inclusive sobre a mudança do nome do lugar e de seu padroeiro para Santo Antônio.

Segundo a tradição oral local, a capela primitiva teria desabado na década de 1940, sendo reconstruída pouco depois, seguindo estilo mais contemporâneo da época. No entanto, com o passar dos anos e o crescimento do lugar, essa capela, que se encontrava em mau estado de conservação, teve que ser demolida para a construção do novo templo, inaugurado em 1996. A nova construção buscava a relação com a igreja de origem e, dessa forma, foram mantidos o retábulo, o sino e as imagens sacras que eram provenientes da primeira edificação.

O lugar abrigava diversas práticas religiosas e culturais, bem como saberes e celebrações relacionados à manifestação referente ao catolicismo. Segundo Maria Geralda Oliveira da Silva, moradora local ligada à igreja e de família antiga do lugar, a tradição dos festejos em honra ao padroeiro já era famosa em meados do século XX, atraindo moradores da região durante os dias de festa. Nessas ocasiões, a Folia do Menino Jesus de Paracatu de Baixo, comandada por Seu Zezinho, pai de Maria Geralda, costumava se apresentar e animar as festividades. A celebração seguia o padrão das festas religiosas do interior, com novenas, procissões, levantamento de mastro, além dos leilões e modas de viola. Muitas vezes, a festa ganhava ares juninos, com quadrilhas e quermesses. O adro da capela era enfeitado com bandeirinhas e balões de papel e os alunos apresentavam quadrilhas. Com o passar dos anos, a celebração manteve basicamente o mesmo padrão.

Além da Festa do Padroeiro, a capela também abrigava as celebrações da Festa de Nossa Senhora Aparecida e da Festa do Menino Jesus, sendo realizadas, também, novenas em comemoração a São Sebastião, São José e Nossa Senhora de Fátima, com coroações à Nossa Senhora durante o mês de maio – “mês de Maria”.

O rompimento da barragem de Fundão, no início de novembro de 2015, alterou profundamente o cotidiano de Paracatu de Baixo. O povoado foi varrido pelos rejeitos e teve a maioria de suas construções destruídas ou danificadas, como no caso da capela. A maior parte de seu mobiliário, objetos sacros e imaginárias foi destruída e a comunidade teve de ser evacuada. Essa situação teve reflexo nas festas religiosas que ocorriam na capela, que foram descaracterizadas e desterritorializadas. Antes da transição para o reassentamento, a comunidade seguiu tentando manter a tradição, buscando realizar algumas das festividades em todos os anos desde o rompimento, transformando-as em uma espécie de símbolo de sua resistência e sua luta por reparação.

Cachoeira de Paracatu de Baixo



*Cachoeira de Paracatu de Baixo.
Foto: Marilêne Marinho, 2023.*

Referência identitária da comunidade de Paracatu de Baixo, a Cachoeira da Vovó, também conhecida como Cachoeira da Maria Corinto, nome da senhora que residia próximo à sua margem, era um importante local de lazer e convivência dos moradores, localizada no Rio Gualaxo do Norte. Era quase um costume as pessoas se reunirem às suas margens para conversar, fazer piquenique, churrascos, pescar ou simplesmente se refrescar nas águas da cachoeira nos dias quentes.

O rompimento da barragem de Fundão alterou drasticamente a cachoeira e sua paisagem cênica. A grande pedra que havia em meio às corredeiras foi movimentada pela força do fluxo de rejeitos, sendo depositada na planície do rio a cerca de 5 quilômetros a jusante de onde estava originalmente. A fauna e a flora do entorno também foram muito impactadas, assim como as margens antes utilizadas para o lazer. Atualmente, o espaço da cachoeira encontra-se cercado, não sendo mais utilizado pela comunidade.

Escola de Paracatu de Baixo e seu entorno



*Antiga Escola de Paracatu de Baixo.
Foto: Acervo Prefeitura Municipal de Mariana.*

Segundo informações coletadas a partir de entrevista (2019) com Gislene Pereira, ex-diretora da Escola Municipal de Paracatu de Baixo, a instituição foi construída em 1989. A localidade, no entanto, se beneficiou de estrutura preexistente relativa a outra escola, já desativada, e que foi reformada pela Prefeitura de Mariana para servir de creche. No local foi edificado também um espaço anexo em que eram realizados encontros e reuniões da comunidade. A escola em Paracatu de Baixo estava inserida em um contexto comunitário que permitia o trânsito de diversas pessoas para além da comunidade escolar (alunos, professores, diretores) em suas atividades oficiais cotidianas, numa simbiose do espaço escolar com a vida comunitária.

O prédio segue partido arquitetônico contemporâneo de construção, composto por sete salas, sendo que uma delas comportava a administração e a direção da escola e outra era reservada aos professores. Havia também dois banheiros, uma biblioteca, um refeitório, uma área de lazer e uma quadra, além do espaço da horta. A escola atendia crianças da educação infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental, sendo, sendo que os alunos do 1º ao 5º ano estudavam em tempo integral, com atividades regulares durante o turno da manhã e, no turno da tarde, atividades extras como aulas de dança, música, esportes e estudos orientados.

Folia de Reis de Paracatu de Baixo



*Folia de Reis de Paracatu de Baixo.
Foto: Acervo Prefeitura Municipal de Mariana.*

As folias de reis, assim como os congados, reinados, pastori-nhas, marujadas e suas variantes, integram o chamado Catoli-cismo Popular, presente no Brasil desde o início do processo de colonização portuguesa e incrementado no profícuo processo de mistura cultural e sincretismo religioso que marcou a forma-ção da sociedade brasileira.

A Folia de Reis de Paracatu de Baixo é uma das principais manifestações religiosas do subdistrito. O grupo de pessoas que formam a folia e seus familiares, segundo a tradição oral local, veio para a região junto com o surgimento do próprio povoado, ocorrido em meados do século XIX. Não existe documentação ou bibliografia produzida sobre a folia, tampouco relatos escritos sobre a formação inicial do grupo, quando do início da celebração. Segundo José Patrocínio Oliveira, mais conhecido como Seu Zezinho e que foi capitão da folia até seu falecimento, em 2022, nos anos 1940 o capitão era o Sr. Antônio João, sendo que ele já era mestre há bastante tempo.

De acordo com o relato do Seu Zezinho, porém, nos anos 1950 o grupo vinha enfrentando problemas de continuidade devido ao fato de muitos dos seus membros serem pessoas de mais idade, que já não aguentavam o desgaste e a dureza do cotidiano de longas caminhadas e cantorias durante o período de Reis. Como Seu Zezinho sempre se mostrara muito empenhado e interessado na folia, ficando sempre ao lado do mestre para aprender os versos e o funcionamento das apresentações, quando ele contava com cerca de 22 anos foi “intimado” pelos mais velhos, inclusive o Antônio João, para que assumisse o grupo e mantivesse a tradição. Ele relata que teve certo receio de encarar a função, pois achava que era muita responsabilidade, mas logo se convenceu de que, se não aceitasse o posto, o grupo provavelmente acabaria com o tempo, uma vez que eram poucos os jovens interessados em continuar a folia. Assim, ainda nessa década, ele assumiu a Folia de Reis de Paracatu de Baixo.

Ao longo dos anos 1970-80, a Folia de Reis começa a receber sua segunda geração, sob o comando do Mestre Zezinho, formada em grande parte pelos filhos dos folieiros. No início dos anos 2010, a Folia de Reis passava por um bom momento, assim como o próprio povoado, que vinha atraindo novos moradores pela qualidade de vida e pelo bem-estar. A Festa do Menino Jesus se destacava no calendário de eventos locais, tornando-se mais concorrida até que a festa do padroeiro, Santo Antônio, que ocorre em junho. Os preparativos para a festa incluíam os tradicionais giros da folia, que percorria diversos povoados e cidades próximas, arrecadando esmolas para o Menino Jesus, assim como faziam outras folias da região, como a de Campinas.

O rompimento da barragem de Fundão, no entanto, mudou drasticamente essa situação. A destruição causada pelos rejeitos no povoado de Paracatu de Baixo afetou profundamente a Folia de Reis, sendo que a própria casa do mestre foi destruída, junto com a maior parte dos registros, fotografias, documentos, instrumentos, vestimentas, indumentárias e objetos da folia. Entretanto, apegados à fé no Menino Jesus, os folieiros encontraram forças para continuar a tradição da folia, que continuou fazendo seus giros e festas nos anos seguintes. A folia foi registrada como patrimônio cultural do município e seus continuadores mantêm viva a tradição como forma de resistência, resiliência e fé.

Fazenda do Gualaxo



Ao longo do século XVIII, diversas fazendas com a denominação de Gualaxo surgiram na região, principalmente devido ao fato de estarem próximas do Rio Gualaxo do Norte, uma das artérias usadas durante o processo de colonização do território. Nesse sentido, torna-se difícil precisar a data de fundação dessa Fazenda do Gualaxo em específico. Segundo a historiadora Irene Nogueira de Rezende, a história da fazenda pode estar associada às terras que foram pertencentes a Manoel Ignácio de Mello e Souza, o Barão de Pontal, entre os séculos XVIII e XIX. Tal apontamento justificaria a existência de inúmeras fazendas com o mesmo nome, uma vez que o Barão de Pontal era detentor de muitas terras espalhadas por Minas Gerais e Rio de Janeiro. Com seu falecimento, em 1859, as terras foram divididas entre as duas herdeiras do barão.

Ainda segundo Irene Rezende, a associação da fazenda ao Barão de Pontal está presente em uma carta escrita pela escrava liberta Senhorinha Constância da Rocha. De acordo com esse relato, Senhorinha da Rocha havia recebido a fazenda como herança testamentária de seus senhores, Dona Antonia Constan-



*Fazenda do Gualaxo.
Foto: Bernardo Andrade, 2023.*

cia da Rocha e o desembargador Ignácio José de Souza Rabello (sobrinho do Barão), bem como sua liberdade e uma escrava para a recém-liberta.

Ao longo do século XIX e início do XX, a fazenda foi uma das grandes produtoras de gêneros de primeira necessidade na região, sobretudo de derivados do açúcar, como a rapadura e a aguardente. O antigo povoado de Teixeira, possível origem de Paracatu de Baixo, se desenvolveu nas terras da Fazenda do Gualaxo, a partir da construção de casas de pessoas que trabalhavam nas lavouras e nos engenhos da estância. Aliás, até o início do século XXI, muitos moradores de Paracatu ainda prestavam serviços para a fazenda, sendo essa uma lembrança recorrente na comunidade.

Devido à proximidade com o rio, a Fazenda do Gualaxo foi diretamente afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, em 2015, sendo que os rejeitos cobriram grande parte de suas terras e atingiram o primeiro pavimento do casarão sede. A maior parte das lavouras e criações foi perdida, assim como a relação com a comunidade de Paracatu de Baixo, evacuada nessa ocasião.

O Reassentamento de Paracatu



O reassentamento de Paracatu contou com a participação ativa de cerca de 78 famílias, da escolha do terreno ao acompanhamento da construção do novo distrito. O envolvimento da comunidade trouxe à proposta características de acordo com os hábitos coletivos. A área escolhida para o reassentamento já era uma velha conhecida da comunidade, que utilizava a região para lavoura e produção agrícola no sistema de meeiros.

Concebido de forma coletiva, com a participação ativa das famílias, a implantação do projeto urbanístico do novo distrito de Paracatu se assemelha à construção de uma cidade e o protagonismo da comunidade torna o processo único no mundo. Planejado seguindo as normas de legislação urbana e os cuidados com o meio ambiente, o distrito oferece as condições necessárias para ser ocupado por seus moradores.



*Reassentamento de Paracatu.
Foto: Acervo Fundação Renova, 2022.*

Segundo a Fundação Renova todo o processo de construção das casas considerou as necessidades e expectativas das famílias. Com a consultoria de arquitetos, projetos individualizados foram elaborados, priorizando a funcionalidade e soluções sustentáveis para o novo lar. Ainda de acordo com a Fundação Renova, foram mantidas as características das antigas casas, como o número de cômodos e a disposição deles, quintais com espaço para hortas, tudo de acordo com o desejo de cada família. As obras tiveram início em 2020 e, enquanto o novo distrito é construído, ações de convivência e diálogo com as famílias são frequentes, para acertar os últimos detalhes das entregas e fortalecer os laços da comunidade até a mudança, prevista para ocorrer em 2023.

(Fonte: site da Fundação Renova)



*Reassentamento de Paracatu.
Foto: Acervo Fundação Renova.*

Igreja Santo Antônio e Praça

O projeto da igreja católica foi elaborado em conjunto com a Arquidiocese de Mariana. A edificação contempla presbitério, capela do Santíssimo, sacristia, campanário e banheiros acessíveis. O espaço poderá receber até 216 pessoas. A Praça Santo Antônio, totalmente arborizada, fica localizada entre o posto avançado de saúde e a escola, configurando-se como um espaço de lazer da comunidade de Paracatu. O espaço possui um mirante, brinquedos, equipamentos de ginástica e bancos.



Campo de Futebol

Com mais de 7 mil metros quadrados e uma arquibancada para até 600 pessoas, o campo de futebol possui uma sala de troféus para os times de Paracatu, dois vestiários para os atletas e um para os árbitros, depósitos para materiais de limpeza, esportivos e de manutenção e jardinagem, além de uma lanchonete e banheiros acessíveis.

Casa São Vicente

A Casa São Vicente fica próxima à Igreja Santo Antônio e é para uso dos vicentinos. A casa conta com uma área coberta de convivência, salão paroquial, copa de apoio, depósito para materiais de limpeza, recepção e duas salas de aula. Os banheiros também são acessíveis.

Fazenda antiga/sítio arqueológico



Fotos: Acervo Fundação Renova

As primeiras pesquisas indicam que na área diretamente afetada pelo reassentamento havia estruturas de uma fazenda, provavelmente construída no final do século XIX e início do século XX. O sítio arqueológico está dentro de uma das áreas verdes de Paracatu de Baixo. Ele vai abrigar a Praça das Mangueiras e terá placas explicativas que contam a história do espaço, trilhas, muitas árvores e bancos. Para chegar ao sítio, a comunidade terá dois acessos pela Rua Monsenhor Horta.

A Escola Municipal Paracatu de Baixo



*Escola do Reassentamento de Paracatu.
Foto: Alysson Bruno/Coletivo É -
Acervo da Fundação Renova.*

O prédio da nova escola de Paracatu abriga, além das salas convencionais, uma biblioteca, uma brinquedoteca, sala de artes e multiuso e laboratórios de informática e de ciências. O espaço também conta com área administrativa e pedagógica, refeitório com cozinha industrial, copa infantil, banheiros e vestiários acessíveis, pátios cobertos e parquinho. Para garantir a sustentabilidade, a escola abriga uma horta, sistema de captação e reuso da água das chuvas e aquecimento solar em todos os chuveiros.

O salão comunitário abriga um espaço para reuniões, festas, feiras e cursos, com uma copa de apoio para os funcionários e uma cozinha para os eventos. O salão também conta com duas salas de aula, uma de som e de iluminação e outra de administração, depósitos, vestiários e banheiros acessíveis.

A quadra poliesportiva de Paracatu está localizada em frente à escola. Totalmente coberta, a quadra possui uma arquibancada para até 440 pessoas, além de dois vestiários para uso dos atletas, banheiros acessíveis e depósitos para materiais de limpeza, esportivos e de manutenção. Ao redor da quadra, o espaço arborizado acomoda brinquedos, equipamentos de ginástica e estacionamento.

Igreja Matriz do Bom Jesus do Monte de Furquim, sua festa e seu entorno



A primitiva capela dedicada ao Bom Jesus do Monte de Furquim foi erguida, provavelmente, entre o final do século XVII e o início do XVIII, ainda nos primeiros anos de formação do povoado. Em 1706, já era considerada Matriz, tendo sido a segunda paróquia criada em Minas. A freguesia tinha várias capelas filiais nos povoados do entorno e possuía uma jurisdição territorial bastante ampla, abrangendo até a região de Viçosa (antiga Santa Rita do Turvo).

Em meados do Setecentos, decidiu-se pela edificação de uma nova igreja, ou, pelo menos, pela ampliação da que já existia. A menção mais antiga a essa obra é de 1745, e consta que, a partir de 1767, houve ainda uma nova obra de reedificação. A decoração interna segue o estilo joanino e contou com trabalhos realizados pelo artífice José Pereira Arouca, bastante conhecido por suas obras em Mariana, e que arrematou obras na Matriz de Furquim, em 1782.

No largo em frente à Matriz, há um belo cruzeiro papal, que provavelmente é de meados do século XVIII, sendo uma rari-



*Igreja Matriz do
Bom Jesus do Monte de Furquim e seu Cruzeiro.
Foto: Mateus Lustosa, 2023.*

dade não só em Minas, como em todo o Brasil (na região, há outro situado na igreja do Padre Faria, em Ouro Preto). Essa cruz de três braços (um a mais do que nas cruzes patriarcais ou arquiépiscopais) simboliza as três atribuições do papa (sacerdote, pastor das ovelhas de Cristo e legislador), e é geralmente utilizada nos brasões pontifícios. O casario do entorno da Matriz apresenta exemplares de diferentes épocas, com destaque para os casarões e sobrados remanescentes do período colonial.

A principal festividade realizada no distrito é a Festa do Padroeiro, que ocorre no dia 1º de janeiro e é comemorada junto com a virada do ano. Nessas ocasiões, o distrito atrai muitos visitantes e familiares dos moradores, que utilizam o evento como forma de confraternização e comunhão. As tradicionais folias de reis das comunidades próximas, como Campinas e Paracatu de Baixo, fazem giros pelo distrito nessa época, prestigiando também as festividades.

Estação Ferroviária de Furquim



*Estação Ferroviária de Furquim.
Foto: Mateus Lustosa, 2023.*

Inaugurada em 1926, a Estação de Furquim inicialmente tinha o nome de Edgard Werneck, em homenagem a Edgard Werneck Furquim de Almeida, então chefe de depósito da Central do Brasil. Apenas nos anos 1940, a estação teve seu nome simplificado. Como de costume, a instalação da estação trouxe novas perspectivas para o distrito, que passou a funcionar como polo exportador de produtos da região e importador de outras mercadorias, além do transporte de passageiros. A partir dos anos 1950, no entanto, fruto da política nacional de incentivo às estradas de rodagem, as ferrovias brasileiras gradativamente entraram em declínio, incluindo o Ramal de Ponte Nova, ao qual a Estação de Furquim pertencia. Assim, após longos anos de decadência e sucateamento, em 1996 o ramal foi desativado e a maioria de suas estações foi abandonada. A Estação de Furquim foi recuperada apenas em meados dos anos 2000 e atualmente abriga a sede da Guarda Municipal do distrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Belo Horizonte: EDUSP; Editora Itatiaia, 1982.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.
- BOXER, Charles. *A Idade de ouro no Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CHAVES, Cláudia Maria das Graças; PIRES, Maria do Carmo; MAGALHÃES, Sônia Maria de (org.). *Casa de Vereança de Mariana: 300 anos de História da Câmara Municipal*. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012.
- FUNDAÇÃO RENOVA. *Dossiê para o Tombamento da Capela de Nossa Senhora das Mercês de Bento Rodrigues*. Elaborado pela empresa Estilo Nacional como parte do Projeto de Salvaguarda do patrimônio religioso afetado pelo rompimento da barragem de Fundão no dia 05 de novembro de 2015 – PROGRAMA PG12. 2018. Versão digital.
- FUNDAÇÃO RENOVA. *Diagnóstico das Referências Culturais*. Mariana: 2018-2019 (no prelo).
- FUNDAÇÃO RENOVA. *Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Mariana*. Realização Estilo Nacional. Mariana: Fundação Renova, 2020.
- ICHS/UFOP. *Termo de Mariana: história e documentação*. Ouro Preto: Ed. UFOP, 1998.
- ICHS/UFOP. *Termo de Mariana: história e documentação*. v. II. Ouro Preto: Ed. UFOP, 2004.
- ICHS/UFOP. *Termo de Mariana: história e documentação*. v. III. Ouro Preto: Ed. UFOP, 2010.
- IEPHA/MG. *Guia de bens tombados*. 2. ed, 2 volumes. IEPHA/MG: Belo Horizonte, 2014.
- MAGALHÃES, Sônia Maria de. Outro olhar sobre Mariana no século XIX. *Revista História*, 4(1/2): 65-78, jan./dez., 1999.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA (PMM). *Processo de Tombamento da Capela das Mercês de Bento Rodrigues*. Elaborado pelo grupo Memória Arquitetura para o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Mariana e a Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Desportos. Mariana, ICMS Cultural ano 2016 / exercício 2018. Versão digital.
- ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Vianna. *Dicionário histórico das Minas Gerais: período colonial*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- TRINDADE, C. R. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), Publicação n.13. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1999.
- VEIGA, José Xavier da. *Efemérides mineiras, 1664-1897*. Introdução de Edilane Maria de Almeida Carneiro e Marta Eloísa Melgaço Neves. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998.

FICHA TÉCNICA

Esta publicação está vinculada ao Plano de Reparação das Referências Culturais das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, realizado em cooperação entre Unesco e Fundação Renova.

Esta publicação não pode ser comercializada.

Pesquisa Histórica:

Bernardo Alves de Brito Andrade

Produção Textual:

Bernardo Alves de Brito Andrade e Marilêne A. Marinho

Coordenação Pedagógica e de Conteúdo:

Marilêne A. Marinho

Colaboração e Revisão:

Fundação Renova e Unesco

Mapas:

Google Earth

APM - Arquivo Público Mineiro

Projeto Gráfico:

Luiz Augusto da Costa

Revisão de textos

Rachel Murta - Trema Textos

Coordenação Editorial:

Silvana Terenzi Neuenschwander

Lucca Cultura Ltda.

www.luccacultura.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Bernardo
Caminhos de Paracatu de Baixo / Bernardo Andrade,
Marilêne A. Marinho. -- Belo Horizonte, MG : Lucca,
2023. -- (Percursos de Patrimônio)

Bibliografia.
ISBN 978-85-93196-12-6

1. Educação patrimonial 2. Ensino fundamental
3. Patrimônio cultural 4. Patrimônio cultural -
Preservação 5. Preservação histórica I. Marinho,
Marilêne A. II. Título. III. Série.

23-170860

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação urbana e patrimonial : Educação 370

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



As cartilhas dos “Percursos de Patrimônio” fazem parte das iniciativas de Educação Patrimonial desenvolvidas pela Fundação Renova, em colaboração com a Unesco, no âmbito do Plano de Reparação das Referências Culturais das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Sob a perspectiva dos Territórios Educativos, esta série de publicações, organizada em volumes temáticos, contempla as dimensões material e imaterial do patrimônio cultural presente nos territórios de abrangência do Plano de Reparação nos municípios de Mariana, Barra Longa, Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado.

As cartilhas destacam aspectos históricos da formação desses territórios, seus trânsitos culturais e as principais referências do patrimônio cultural ao longo de rotas temáticas que enfatizam elementos fundamentais da identidade local, tais como festas tradicionais e saberes ancestrais. Tornam-se, assim, importantes ferramentas didáticas, especialmente quando utilizadas como material de suporte aos “Percursos de Patrimônio”, enriquecendo a prática da Educação Patrimonial no seio das comunidades por onde esses percursos são realizados.